

# UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA EM CIDADES TURÍSTICAS: breve análise sobre Campos do Jordão

**Bruna de Castro MENDES<sup>1</sup>**  
**Tatiana Marchetti PANZA<sup>2</sup>**  
**Thais da Silveira Neves ARAÚJO<sup>3</sup>**

**Resumo:** A identidade de um lugar está na forma como este é percebido e compartilhado, sendo esta apropriação essencial para a construção de um lugar único. Contudo, este fato pode enfrentar resistências em locais com intensas atividades turísticas, pois a influência turística pode afetar a formação identitária da população local, que deixa de se reconhecer enquanto cidadão, para se ver apenas sob o olhar do turista. Pressupondo-se que a identidade de um local e de um cidadão pode contribuir com a manutenção de uma atividade turística “saudável”, o presente artigo objetivou destacar a valorização da identidade do jordanense, utilizando-se de práticas pedagógicas para o despertar de um novo olhar. Foram utilizados leituras de textos em sala, pesquisas bibliográficas e documentais, como também elaboração de materiais reflexivos e debates em grupos, culminando na produção de uma Mostra, compartilhando esta reflexão entre eles e a comunidade. Acredita-se que este trabalho é árduo e longo, sendo esta ação o primeiro passo para buscar a valorização local, além dos interesses turísticos.

**Palavras-chave:** Identidade; Aspectos identitários; Campos do Jordão; Prática pedagógica.

## 1. Introdução

As cidades, com seus dilemas e utopias, têm sido palco de representações discursivas em várias dimensões criativas da vida social. O imaginário sobre as cidades, evocado em diferentes situações, constitui um rico caminho para se pensar o modo como as circunstâncias históricas viabilizam projeções de sociabilidade urbana, sendo o passado ou o futuro as fontes de referência por onde se constroem uma nova compreensão da cidade (BARREIRA, 2003). O local de residência, a paisagem envolvente, as cores, os sons e os cheiros da rua ou do bairro, as narrativas da “nossa gente”, as tradições e os hábitos da

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo e Mestre em Hospitalidade (UAM), Pós-graduada em Gestão Mercadológica do Turismo e Hotelaria (USP); em Administração (FGV), em Docência no Ensino Superior (UNIMEP), graduanda em Pedagogia (UFSCAR). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7527344793231311>. E-mail: [brunamendes@ifsp.edu.br](mailto:brunamendes@ifsp.edu.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo e Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, especialista em Planejamento e Marketing Turístico pelo SENAC. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7179337646076167>. E-mail: [tatipanza@ifsp.edu.br](mailto:tatipanza@ifsp.edu.br)

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Linguística pela mesma universidade. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1803023853262025>. E-mail: [thaisneves.a@ifsp.edu.br](mailto:thaisneves.a@ifsp.edu.br)

“nossa comunidade”, funcionam como nutrientes preciosos do caldo de humanidade que fecunda a singularidade subjetiva e faz a identidade dos lugares (BAPTISTA, 2008).

Hall (1999, p.48 *apud* BATISTA, 2005) afirma que *“as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação”*, sendo que essa construção gera sentimentos de identidade e de pertença. É nesse sentido que Batista (2005) define identidade como *“os aspectos peculiares de um determinado povo com suas crenças, ritos e experiências comuns”*. Contudo, questiona-se se essa identidade pode ser influenciada, alterada ou passar despercebida em destinos turísticos.

De acordo com De Kadt (1979, p. 50 *apud* BARRETO, 2004), os encontros entre turistas e população local podem ser categorizados, para fins de análise, em três situações: quando os turistas compram bens ou serviços, quando turistas e residentes compartilham espaços ou quando os turistas se dirigem expressamente aos residentes à procura de informações. Dependendo dessa relação, poderá ocorrer uma valorização da cultura local ou uma construção de uma cultura para satisfazer os desejos do turista.

No caso específico da cidade de Campos do Jordão, percebe-se um distanciamento entre os turistas e a população local. Conhecida por muitos como a “Suíça brasileira”, Campos do Jordão, com cerca de 51.000 habitantes, além de belos bairros residenciais, onde são construídas mansões pelas elites, tem também o seu lado triste, onde reina a miséria, a fome e o desemprego. Suas favelas abrigam muitas pessoas, entre crianças e adultos, que necessitam, principalmente na época do frio e das chuvas intensas, de compreensão e de ajuda material (ROSA FILHO; CORTEZ, 2010).

Essa separação pode ser percebida nitidamente, na fala dos jordanenses, fato vivenciado pelas autoras em sala de aula. Desde o início de nossa prática docente na cidade em questão, escutamos dos alunos como a cidade de Campos do Jordão não oferecia nada a seus habitantes e que tudo que existia estava voltado aos turistas. Porém, não compartilhávamos dessa visão já que, por sermos novas na cidade, conseguíamos visualizar que os moradores não apreciavam diversos aspectos que eram próprios da localidade e, que algumas vezes, eram denegridos por eles.

A partir deste cenário, iniciamos um trabalho de valorização da cidade pelo jordanense no ano de 2015 (2º semestre) e o retomamos neste primeiro semestre de 2016, procurando descobrir ou ao menos delinear uma identidade jordanense. Considerando-se estes aspectos, o presente artigo tem como objetivo explicar o processo pedagógico aplicado na busca da identificação da identidade jordanense por parte dos alunos, reforçando as dificuldades, as barreiras e as conquistas realizadas durante esse período. Destaca-se ser este ainda um projeto preliminar, necessitando das reflexões que tal contexto proporciona.

## 2. Campos do Jordão e sua (trans)formação

O município de Campos do Jordão com cerca de 269km<sup>2</sup>, localiza-se numa das áreas de interesse especial do Estado de São Paulo: o planalto que se desenvolve no reverso da Serra da Mantiqueira, elevando-se em escarpa abrupta sobre o Vale do Paraíba, que desce suavemente em direção ao Estado de Minas Gerais. Limita-se com os municípios de São Bento do Sapucaí, Santo Antônio do Pinhal, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, em São Paulo, e com os municípios de Piranguçu, Wenceslau Brás e Delfim Moreira, em Minas Gerais. Suas altitudes, que variam entre 1600 e 2000m, as características climáticas, a flora, suas configurações geomorfológicas e paisagísticas definem um conjunto significativo e que marcou a origem e o destino da cidade (ROSA FILHO; CORTEZ, 2010).

Fundada em 29 de abril de 1874, passa por diversos ciclos até caracterizar a cidade que conhecemos hoje. O primeiro ciclo, denominado do Ouro, ocorre antes da fundação, entre os anos 1703 a 1874, marcado pela presença indígena, principalmente os Puris, que habitavam a região. A região era ocupada por grandes fazendas de criação de gado, já que o clima também era favorável a esta atividade. Os primeiros proprietários, com o tempo, se tornaram responsáveis pela formação dos três principais núcleos urbanos: as Vilas de Abernécia, Jaguaribe e Capivari (DUARTE; BARBOSA: BRUNA, 2007).

Contudo, o destaque principal recai na segunda fase, entre os anos de 1874 e 1940, denominada como Ciclo da Cura. Ribeiro e Sá (s/d) explicam que, nesse período, a cidade recebeu a fama de “Estação da Cura”, em função do clima ameno, até então único recurso para tratamento da tuberculose. Essa intensa procura culminou na construção dos sanatórios populares, que logo passaram a ser chamados de “sanatorinhos”. Hammerl (2011) destaca que a consolidação de Campos do Jordão enquanto destino de saúde para tuberculosos não está ligada apenas à sua altitude e afastamento dos grandes centros urbanos, mas também às virtudes terapêuticas de seu clima. Suas características hidrominerais também se destacaram, haja vista que a associação entre água e cura não era novidade nesse período.

No final da década de 1930, diversas foram as melhorias ocorridas na cidade, principalmente em função de um interesse especial de Adhemar de Barros, então governador do estado e dono de inúmeras propriedades no município. Com os constantes melhoramentos realizados no município, nota-se o início de uma divisão da cidade, pois os sanatórios (construídos em terrenos doados por Macedo Soares) localizavam-se estrategicamente, em sua maioria, nas Vilas Jaguaribe e Abernécia, enquanto a Vila Capivari era reservada às casas de veraneio da elite, local onde Macedo Soares e Adhemar de Barros mantinham residência. Iniciava-se, portanto, uma segunda função: um destino de repouso e vilegiatura<sup>4</sup>, fato este que está atrelado aos interesses e organização dos políticos acima citados (HARMMEEL, 2011)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Temporada de recreio, repouso, férias que se passa fora dos centros urbanos.

<sup>5</sup> Alguns relatos em livros de romance demonstram a relação entre turistas e tuberculosos, como “a Cidade Enferma”, escrito em 1922, por Paulo Dantas.

Segundo Camargo (s/a *apud* HARMMEL, 2011, p.10), apesar dos vários sanatórios ainda era comum ver doentes em estado grave perambulando pelas ruas, sendo muitos encaminhados tanto pela iniciativa particular como também por autoridades municipais, estaduais e até federais. Por essa razão, em 1940, foi lançado o Decreto nº 11.781, seccionando a cidade em duas zonas, determinando que as Vilas de Capivari e Jaguaribe não poderiam receber nem se implantar nenhum tipo de estabelecimento de cuidado dos portadores de tuberculose. Pode-se perceber, o primeiro registro de separação entre a elite e os demais frequentadores da localidade.

Harmmel (2011) ainda destaca que entre os anos de 1939 e 1941 ocorre a instalação de alguns hotéis e clubes na cidade, demonstrando o interesse financeiro de empreendedores beneficiados pelo decreto supracitado. Corroborando com esta situação, em 1939, outro decreto vem contribuir com a especulação local, o Decreto nº 10.863, no qual o Governo de São Paulo autoriza a desapropriação de terras para a instalação de uma colônia de férias, já com o propósito de fomentar o turismo. Porém, o autor citado enfatiza que os governantes não estavam satisfeitos com o número de doentes que ainda circulavam pela cidade, principalmente nas zonas onde a elite se concentrava.

Assim, em 1941, outro decreto entra em vigor, o nº 11.891, com o qual o Governo obriga a Prefeitura Sanitária a fiscalizar algumas pensões e hotéis, impedindo que esses estabelecimentos hospedem portadores de tuberculose, como também fiscalize a higiene nas ruas, praças, bares, entre outros.

Observa-se, aqui, pela natureza dos estabelecimentos a serem fiscalizados, uma iniciativa de separar não apenas os locais onde se localizavam os sanatórios, mas também a livre circulação dos doentes, oportunizando, por conseguinte, a proteção dos turistas (HARMMEL, 2011, p. 8).

Posteriormente, com a descoberta da quimioterapia, da penicilina, da vacina BCG<sup>6</sup> e do tratamento ambulatorial, a procura para o tratamento da tuberculose na cidade começa a diminuir e um movimento turístico começa a se tornar presente (RIBEIRO; SÁ, s/d). Essa fase é chamada de Ciclo do Turismo e contempla o período entre 1940 a 1980, atraindo visitantes em função do clima, vegetação, geografia. Os avanços foram intensos em função de melhoria da estrada SP-50, que liga Campos do Jordão a São José dos Campos, da construção do Palácio da Boa Vista, do Hotel Toriba, do Grande Hotel, do Parque Estadual, permitindo que a cidade ganhasse reconhecimento nacional, não mais como Estação de Cura, mas agora como Estância Turística (RIBEIRO; SÁ, s/d).

Para atrair turistas, Duarte; Barbosa e Bruna (2007) destacam que alguns atrativos naturais e culturais começaram a ser divulgados, como os jogos com cassino instalados em hotéis de luxo. Mais tarde, com a proibição dos jogos de azar, o estilo arquitetônico diferenciado e os serviços especializados passam a ser o principal atrativo turístico. A cidade

---

<sup>6</sup> Bacilo Calmette-Guerin

passa, portanto, por uma mudança em sua função: de um destino de saúde a um destino turístico. Contudo, cabe destacar que durante alguns anos houve a coexistência das duas funções na cidade (HAMMERL, 2011).

Ribeiro e Sá (s/d) explicam que após sua transformação em estância, um público de alto nível socioeconômico chega, atraindo uma população de nível socioeconômico mais baixo para trabalhar na construção civil, nos hotéis e serviços ao turista. Rosa Filho e Cortez (2010) explicam que a partir dos anos 1970 tiveram início as grandes invasões nas áreas verdes, áreas de lazer dos loteamentos e áreas particulares, todas nos morros da cidade. Muitos imóveis nos bairros de Vila Albertina, Morro das Andorinhas, Britador, Vila Santo Antonio, Vila Maria e outros locais foram ocupados com o incentivo de autoridades que deveriam ter coibido essas ações. Duarte; Barbosa e Bruna (2007) destacam que longe das áreas turísticas a arquitetura nada se assemelha à influência europeia como encontrada no resto da cidade (influência portuguesa, finlandesa e alemã, criando um estilo próprio). A improvisação com que são construídas as casas mais populares tem formado um cenário típico dos bairros periféricos dos grandes centros urbanos, principalmente pela ocupação clandestina das áreas de encostas.

A divisão social se torna ainda mais intensa quando, a partir da década de 1980, possuir uma casa de campo passou a ser o símbolo máximo de ascensão social; isso, associado às qualidades terapêuticas do ar e da água, incorporaram a ideia de saúde e de um momento de recuperação (DUARTE; BARBOSA; BRUNA, 2007). É nesse contexto que os condomínios começam a ser construídos e uma demanda por mão de obra se torna mais intensa, como exposto acima.

Nas décadas seguintes, os autores supracitados explicam que a forma de fazer turismo mudou, já que o destino se tornou um produto comercializável no meio de tantos outros, tornando a cidade uma mera mercadoria e não um destino. Rezende (2004 *apud* DUARTE; BARBOSA; BRUNA, 2007, p. 10) reforça que a procura dos turistas pelos eventos e pela atividade noturna passou a caracterizar-se por certo abandono dos espaços histórico-culturais, em favor da maior valorização do comércio.

Na tentativa de reverter esse cenário, a cidade entra na quarta fase, a partir de 1980, que com incentivos mais expressivos após o ano 2000, torna-se reconhecida como o Ciclo do Meio Ambiente, ciclo no qual são enfatizados os recursos naturais da cidade, como também a captação de eventos que destaquem essas características (como corrida de montanha, ciclismo, entre outros).

Atualmente, considerando-se os dados do Observatório de Turismo da Prefeitura de Campos do Jordão divulgados no mês de abril de 2016<sup>7</sup>, os meses de junho, julho e agosto continuam a ser os mais intensos em função do inverno, sendo o principal meio de chegada à cidade, o ônibus de turismo, seguido por veículos de passeio e motos. Pelos dados divulgados, pode-se perceber também o aumento do chamado “turismo de um dia”, cujas

---

<sup>7</sup> Os dados foram apresentados publicamente em um evento ocorrido em abril de 2016 no espaço Dr. Além, sendo o arquivo da apresentação enviado posteriormente aos e-mails dos participantes.

chegadas de ônibus no ano de 2015 contabilizaram um total de 774 em julho, 457 em junho, 337 em setembro e, 306 em novembro. É interessante destacar os meses de maior movimento desse tipo de turismo, época em que o ticket médio custa R\$ 150,00 por passageiro. Esse tipo de turismo é um fator preocupante para a cidade já que a mesma conta com diversos meios de hospedagem. Para termos uma pequena ideia da situação, dos 774 ônibus chegados em julho de 2015, apenas 55 ficaram hospedados na cidade, ou seja, 719 ficaram menos de 20 horas na localidade, gerando muito mais transtorno (trânsito, por exemplo), do que os alardeados benefícios da atividade.

De acordo com o Centro de Informações Turísticas<sup>8</sup>, o perfil do turista, considerando-se os dados coletados em 2015, pode ser definido como oriundo da cidade de São Paulo, que permanece entre 2 a 3 dias na cidade, motivado pelo lazer; utiliza veículo próprio para transporte; opta por pousada ou hotel como meio de hospedagem; e utiliza a internet para a organização do turismo e realização de reservas.

Complementando ainda as informações fornecidas, considerando-se os associados da Asstur<sup>9</sup>, a média anual de ocupação dos meios de hospedagem gira em torno de 37%, sendo que os meses com maior procura apresentam taxa de ocupação de quase 45%, e nos meses de menor procura, taxas de 28%. Contudo, se considerarmos os dados restringindo a análise apenas aos finais de semana, a média anual de ocupação é de 74%, sendo que os meses de maior procura apresentam taxas de 91% e os de menor procura, taxas de 54%. Esses dados revelam que o turismo na cidade é realizado aos finais de semana, com intensos picos de ônibus de viagens, o que gera transtornos aos moradores locais.

Como descrito no início deste artigo, é comum escutarmos dos jordanenses que tudo o que é feito na cidade é voltado apenas para o turista, que os visitantes só trazem trânsito e filas, além de uma maior segregação. Diante dessa fala, é possível pressupor que a cidade já começa a apresentar os primeiros desgastes da atividade turística (vista como predatória, assunto para um futuro debate). Consideramos importante pontuar que tal processo pode ser revertido se os moradores entenderem que a cidade pertence a eles, e como tal, devem cuidar e zelar pela mesma, já que representa a identidade do jordanense. Tal reflexão gerou o debate exposto a seguir.

### **3. Formação identitária do cidadão**

A identidade é um tema que ganhou diversos contornos ao longo da história da humanidade, de modo que cada época abordou diferentes perspectivas sobre a sua formação. A pós-modernidade também trouxe a sua contribuição a esse cenário, abordando a identidade como algo que está em constante construção (HALL, 2004). Uma definição simples e amplamente aceita para esse termo diz respeito àquelas características que

---

<sup>8</sup> Gerido pela Prefeitura Municipal, que realizou pesquisa com uma amostra de 1.842 pessoas, talvez não sendo representativo e podendo gerar distorção nos dados gerais. Dados também apresentados no evento citado.

<sup>9</sup> Associação da Hotelaria e Gastronomia de Campos do Jordão (reforça que nem todos os meios de hospedagem da cidade são associados a tal entidade).

permanecem com o indivíduo, mesmo com o passar do tempo. Em outras palavras, ainda que o indivíduo mude, com o passar do tempo, há características que lhe são constantes e que, dessa forma, constroem a sua identidade

É consensual que a identidade é, de fato, algo único. Um indivíduo tem, por características identitárias, traços que podem ser compartilhados por outros, mas a combinação de traços que formam o seu "eu" é apenas dele. Pode-se imaginar, assim, que a identidade seria algo que é inerente ao indivíduo, algo que somente diz respeito a ele e que somente nele se constrói. No entanto, é necessário ressaltar que, do ponto de vista da Psicologia, esse conceito é entendido de modo mais amplo.

Para a Psicologia, a identidade é algo que se constrói do ponto de vista intrapessoal, interpessoal e cultural (FERREIRA *et.al*, 2003). Seriam, então, todos esses fatores que fariam o indivíduo ter determinada impressão sobre si. Dessa forma, a partir do momento em que o homem consegue entender a realidade ao seu redor, ele consegue tornar uma parcela dessa realidade parte de si mesmo. Nesse contexto, cabe ressaltar que fazer a diferenciação entre o que é o sujeito e quem é o "outro", se torna uma missão bastante difícil, uma vez que entender sua identidade pressupõe entender que outros sujeitos também têm suas próprias identidades. Assim, a formação desse fator para si próprio depende (e muito) das demais identidades que se formam ao seu redor.

Confirmando as tendências da pós-modernidade, muitos teóricos sustentam que a identidade não é algo estático (AMARAL, 2007). A pós-modernidade permitiu às pessoas a rápida troca de informações e a circulação em diferentes espaços (virtuais) em curtos espaços de tempo, o que trouxe importantes mudanças sob o panorama da identidade. Mudam-se os tempos, as pessoas com quem o indivíduo lida e os espaços em que ele transita, e, com isso, muda-se também a noção que esse mesmo indivíduo tem de si próprio. Em outras palavras, a identidade também se altera e está em constante processo de formação.

Neste processo de transformação, a crise se torna um aspecto presente e essencial, entendendo pelo termo o processo de decisão, momento crucial do desenvolvimento identitário em que se decide seguir determinada direção (ERIKSON, 1987). No adolescente, esse processo é de grande importância, uma vez que ele confronta o encontro de diversas realidades (passado, presente e futuro) e tem de tomar importantes decisões sobre a sua identidade. Desse modo, ainda que o ser humano esteja sempre em processo de construção de sua identidade, tal processo é especialmente crítico quando se trata do adolescente.

Por isso, além de entender o que seria a identidade, é importante que saibamos entender a importância dos espaços de maior peso na sua construção. A religião, a família e a escola podem ser consideradas as instituições que mais influenciam nesse processo, de modo que devem ser analisadas com o devido cuidado. Tais instituições devem, dessa forma, começar a refletir sobre as múltiplas identidades e sobre a sua formação, tendo em vista que esse processo depende, em muitas instâncias, da sua atuação social. As tendências

pós-modernas devem nortear essa preocupação, de modo que se possa ter uma noção mais realistas sobre a formação identitária no contexto em que se vive.

É nesse sentido que o presente estudo realizou uma delimitação no conceito de identidade, avaliando-a sob a perspectiva cultural, entendendo-a como uma conexão entre indivíduos e estrutura social. Essa categoria define, sob essa perspectiva, como os indivíduos se inserem nos grupos sociais e como eles agem, tornando-se sujeitos sociais. Define, também, a forma como o indivíduo incorpora o mundo material a partir da experiência e projeta essa incorporação como construção simbólica (CARVALHO, 2011).

Antes de tudo, a identidade cultural é uma engrenagem social, movimentada por uma sorte de influências em sua composição: a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (BUNDT, 2006).

Bundt (2006) destaca que o raciocínio sobre as questões de identidades culturais deve levar em conta que elas são frutos de diferentes visões de mundo, eternamente em conflito com as outras visões que compõem o tecido social, mediando as concepções sobre esse mundo. A identidade cultural sempre realiza a contextualização do homem com seu meio, seu grupo social, sua história, em um processo de consciência que impede sua alienação.

A identidade cultural desempenha um papel fundamental na interação entre sujeito, individual ou social, e a realidade circundante, mediando os processos de produção e de apropriação dos bens culturais. [...] essa mediação que garante o significado da produção cultural e o sentido do consumo de bens simbólicos, sem o qual esse consumo torna-se um processo vazio, podendo vir a ser um ato alienado e alienador (JACKS, 1999, p. 65 apud BUNDT, 2006, p. 2).

De acordo com Hall (2004), a identidade não é algo permanente, nem o sujeito pode ser idêntico a si mesmo ao longo do tempo e, desse modo, é necessário estudá-lo com base em um processo de identificação, de construção, nunca completado. A identidade é, portanto, líquida, resultado da formação cultural, tornando impossível um sujeito monoilo, concluso ou fixo (ROCHA; SILVA, 2010).

Considerando-se exatamente esse aspecto mutável e transitório, além da realidade exposta na cidade de Campos do Jordão entre a relação envolvendo moradores e turistas, procurou-se identificar, como também orientar o processo de identificação da identidade do jordanense, considerando-se esse processo essencial para torná-los cidadãos ativos e conscientes de seu potencial, utilizando-se de metodologia própria, como será descrita na próxima seção

#### 4. Metodologia

O projeto descrito no presente artigo demandou um ano de ação. Ele foi desenvolvido em turmas do curso técnico de Eventos em uma instituição federal de ensino de Campos do Jordão, em dois momentos distintos: segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016, resultando na realização de eventos para a exposição dos resultados. À época de cada uma das ações, as turmas envolvidas estavam cursando o primeiro módulo do referido curso. As professoras envolvidas na ação são das disciplinas específicas do curso (Hospitalidade em eventos e Gestão Operacional e Logística em Eventos) e da disciplina de Redação e Comunicação Aplicada, caracterizando um estudo de caráter descritivo, interdisciplinar.

No primeiro momento, procurou-se desenvolver um novo olhar sobre a cidade, utilizando-se de recursos poéticos, assim como a fotografia para o início da discussão. Nessa ação, envolveram-se a professora de Língua Portuguesa e a professora de Hospitalidade em Eventos. Durante a primeira procurou-se trabalhar com a leitura de poemas por parte da turma, recebendo auxílio da docente para o processo interpretativo desses textos. Já com a segunda, procurou-se trabalhar o conceito de Hospitalidade como um processo de apropriação da cidade pelos seus moradores trabalhando-se com alguns artigos e autores da área, além de uma visita pela cidade despertando o olhar dos alunos para locais nunca antes apreciados. Durante este passeio, foi solicitado que cada aluno fizesse o registro fotográfico de pontos que mais despertaram o interesse deles, sendo que após uma semana cada um deveria apresentar a fotografia que mais representasse a hospitalidade na cidade. Unindo as duas áreas, a primeira atividade interdisciplinar foi proposta com o objetivo de que os alunos fossem capazes de gerar novas interpretações para os poemas com imagens da cidade, que deveriam ser captadas por eles através de fotografias. Tal atividade gerou uma exposição fotográfica que foi realizada no espaço escolar, com a participação da comunidade interna e externa.

No semestre seguinte, já no ano de 2016, prosseguiu-se com essa ação, buscando a integração de mais uma disciplina do curso e, dessa vez, incentivou-se um debate sobre a identidade do jordanense. No geral, além das conversas em sala de aula, utilizamos de dois textos para a reflexão (estes na disciplina de Hospitalidade<sup>10</sup>), como também a aplicação de um questionário composto por perguntas abertas, além de atividades de debate, pesquisa e produção textual.

Sendo assim, neste momento, a ação contou com a participação de três docentes, as mesmas envolvidas na ação anterior, além da professora de Gestão operacional e logística em Eventos, que buscou dar forma ao que estava sendo produzido nas outras disciplinas e transformar esses conteúdos em um evento no formato de uma Mostra, que permitiria a troca de experiências e visões entre as pessoas.

---

<sup>10</sup> BAPTISTA, I. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Hospitalidade**. Ano V, n.2, dez. 2008; CAMARGO, L.O. L. A pesquisa em Hospitalidade. **Hospitalidade**. Ano V, n.2, dez. 2008.

Durante este processo, as professoras trabalharam separadamente, em seus respectivos componentes curriculares, realizando reuniões periódicas para que o evento tivesse uma unidade e também, para garantir maior entrosamento com relação aos conteúdos que foram discutidos e levantados em sala de aula. Para o entendimento de questões importantes acerca do tema, por parte dos alunos, foi fundamental a integração das disciplinas. Depois disso, apenas uma professora seguiu trabalhando com essa temática até a data do evento, uma vez que sua disciplina era relativa à organização de eventos e, portanto, era a disciplina responsável por sua produção.

A professora de Redação e Comunicação Empresarial realizou debates em sala de aula sobre o significado de identidade e de identidade cultural. O foco do trabalho era que os alunos percebessem que os olhares externos sobre determinado povo não podem ser parâmetro para a percepção da identidade cultural por parte desse mesmo povo. Assim, tentou-se desvincular a imagem que se faz sobre a identidade cultural de Campos do Jordão por parte do turista daquela que o próprio jordanense tem de si. Após esse trabalho, foi feita uma produção textual em que os alunos deveriam construir narrativas que envolvessem paisagens da cidade e sua experiência.

Na disciplina de Hospitalidade, após leitura e interpretação dos textos citados, foi proposto que os alunos respondessem a um questionário contendo 6 perguntas abertas, a saber: O que você costuma fazer em Campos do Jordão?; O que você mais gosta na cidade?; O que você menos gosta na cidade?; O que uma pessoa não pode deixar de visitar em Campos; O que você entende por identidade; e, Qual é a sua identidade enquanto jordanense?. Essas questões buscaram nortear a pesquisa com a visão que os alunos faziam sobre a localidade em que moram e procurou levantar os principais espaços e características relativas à sua identidade. O questionário teve por objetivo também verificar a relação entre espaços turísticos e os espaços vividos pelos jordanenses, avaliando contrapontos para confirmar algumas hipóteses percebidas por nós, como especificado anteriormente.

Após avaliação dos resultados obtidos com o questionário aplicado, um debate em sala foi realizado entre os alunos sobre os dados do questionário. Após a conversa, a sala foi dividida em grupos para que eles pudessem destacar os marcos identitários do jordanense, considerando-se as conversas realizadas. Com esta análise, os resultados foram transmitidos à professora da disciplina referente à organização do evento, que passou a trabalhar com os alunos os conteúdos a serem expostos no evento para que desenvolvessem o material que seria produzido oportunamente. Os alunos levantaram informações bibliográficas em publicações diversas, sites, e junto a membros da comunidade (família e amigos), assuntos como hábitos, costumes e particularidades de antigamente e atuais, além dos aspectos que levaram a transformação do mesmo. Portanto, a professora trabalhou em diversas aulas, os conceitos de identidade e os aspectos identitários já definidos com as demais professoras envolvidas, delineando a melhor forma de apresentá-los no evento, resultando nos dados expostos a seguir.

#### 4.1. Análise dos resultados

Os resultados relatados neste artigo dizem respeito ao evento ocorrido durante dois dias do mês de maio de 2016, na própria Instituição de ensino. A professora de Redação e Comunicação Empresarial, que trabalhou com os alunos os debates e a produção textual, conforme anteriormente explicitado, percebeu que, em sua disciplina a grande dificuldade se deu no processo de separação da imagem da identidade cultural do jordanense criada pelo turista (o *glamour* criado na imagem turística da cidade, por vezes, confunde a própria reflexão do seu morador sobre si próprio), das práticas que, de fato, integram a identidade desse povo. Após longo debate, os alunos começaram a entender a proposta feita pela atividade, mas ainda muito atrelados ao juízo de valor sobre produtos culturais, julgando que sua identidade cultural seria inferior àquela criada pela imagem turística.

Nas aulas subsequentes, após o aprofundamento sobre o tema da identidade cultural, a turma, como um todo, passou a entender mais a problemática proposta e passou a relativizar a cultura, de modo a entender tal conceito como algo livre de julgamentos de valores. Tal afirmação pode ser feita com base nos resultados das produções textuais, em que os alunos passaram a relatar sua experiência com paisagens da cidade que estão completamente fora do roteiro turístico, mas que são reconhecidamente frequentadas por jordanenses.

Complementando a ação, foi aplicado um questionário (como explicitado na metodologia na disciplina de Hospitalidade), respondido por 30 alunos que compunham a turma, sendo que a análise das respostas revelou grandes controvérsias quanto ao que os alunos pensavam e o que efetivamente destacavam em suas respostas. Reforça-se que os resultados desta pesquisa não serão apresentados de forma isolada, mas sim incorporadas a análise final, pois a metodologia escolhida foi apenas para ser um ponto de reflexão dos alunos, já que as respostas demonstraram que nem tudo que eles defendiam de forma veemente foi comprovada nesta pesquisa em sala. Destaca-se, por exemplo, que quando questionados sobre os lugares de Campos do Jordão que as pessoas precisavam conhecer, diversos pontos turísticos foram citados, estes desconhecidos para a maioria dos alunos, demonstrando como ainda nesta etapa o discurso turístico ainda se fazia presente (em conversas informais, os alunos destacavam que o que eles faziam na cidade não era importante, apenas um passa tempo). O único local citado em comum foi o Horto Florestal, onde o jordanense costuma caminhar, fazer piqueniques e contemplar a natureza. Com esta constatação, observa-se mais uma vez que a valorização da cidade, por parte dos moradores, não está no que é realizado por eles, mas o que o turista gostaria de ver ou fazer.

Após a aplicação dos questionários, no encontro seguinte, foram apresentados os resultados e os mesmos foram discutidos com os alunos e entre eles, visando o aprofundamento do debate. Mais uma vez, transpareceu a dificuldade em caracterizar os aspectos identitários e tomarem para si como sendo “seus” nos dias atuais. Percebeu-se durante este processo que muitos não concordavam com as respostas da maioria, querendo

trazer elementos que eram para o turista, mas que somente após análise e discussão em sala de aula, realmente afirmavam que não lhes pertenciam. Observou-se também, que a maioria dos alunos separavam a cidade no espaço que é para elas e no que é para os turistas, reafirmando que os jordanenses não se apropriam de espaços da cidade, embora tenham orgulho de dizer que são da cidade. Isso mostra que a cultura jordanense está mais voltada para uma valorização do que é produzido ao turista do que a valorização da cultura local, tendo em vista que eles não compartilham esses espaços com os visitantes.

Os resultados desta ação foram repassados à professora responsável pela organização do evento e pelos conteúdos que seriam produzidos na Mostra. A partir deles, buscou-se organizar todas as informações levantadas e discutidas, agrupando os aspectos destacados que envolviam as características identitárias, identificadas pelos alunos.

É importante ressaltar que a maioria dos alunos enfatizava a todo instante, durante as aulas desta disciplina, a necessidade de abordar a identidade anterior à caracterizada por eles nos dias atuais, para que o evento se tornasse mais didático aos participantes, evidenciando as transformações que levaram à formação da identidade atual. Neste momento, passaram a pesquisar junto às suas famílias e amigos, bem como conversar com historiadores e levantar informações em fontes secundárias a fim de definir o que foi chamado de “velhas identidades”.

Sendo assim, o conteúdo da Mostra foi distribuído em painéis que iniciavam com o Conceito de identidade, seguiam com as “velhas identidades”, apresentava os aspectos que influenciaram a transformação da identidade jordanense (Globalização, Migração, Imigração e o Turismo) e, finalizava com as “novas identidades”. Os subtemas relacionados às duas identidades foram divididos em: espaços frequentados, culinária e particularidades.

Verificou-se durante a aplicação das ações entre as docentes, que houve uma mudança na visão dos alunos quanto ao que considerar enquanto identidade deles e o que era produzido ao turista. Portanto, após o processo reflexivo, o que inicialmente era ignorado como aspecto identitário, pois ainda estavam com a visão voltada ao que o turista vê na cidade, passou a ser incorporado como algo que lhes pertencia. Sendo assim, alguns aspectos surgiram e ganharam destaque para a produção do evento.

O quadro a seguir apresenta uma relação entre as “velhas” e “novas” identidades, que foram apresentados em forma de fotografia com legenda, no dia do evento. Não pretende-se apresentar um quadro comparativo, mas que dê uma visão sobre os aspectos identitários que se mantiveram ao longo da trajetória da (trans)formação da cidade e os que surgiram nos dias de hoje.

O quadro permite observar que alguns aspectos foram mantidos na identidade jordanense e outros surgiram ao longo do tempo e por influência de alguns fatores. Dentre os fatores que podem influenciar a mudança nestes aspectos e que foram identificados pelos alunos, foram: as migrações, de mineiros e nordestinos; as imigrações, japonesa, alemã e judia; a globalização; e o desenvolvimento do turismo.

**Quadro 1. Distribuição de parte dos conteúdos apresentados na Mostra, relacionando os “velhos” e “novos” aspectos identitários do jordanense**

“VELHAS IDENTIDADES”	“NOVAS IDENTIDADES”
<b>Espaços Frequentados</b>	
Portal da Cidade; Mercado Municipal; Praça do Gazebo; Estação de trem; Clube Abernóssia; Igreja São Benedito; Bairro da Abernóssia	Belvedere/Vista Chinesa; Mercado Municipal; Praça do Gazebo; Estação de Trem; Horto Florestal
<b>Culinária</b>	
Pinhão; Chuchu; Quirera <sup>11</sup> ; Caqui	Pinhão; Chuchu; Quirera; Chás Figo; Lanches e pizzas; Açaí; Chocolate quente
<b>Particularidades</b>	
Malharias; Violeiros	Geada; Pôr-do-sol; Plátanus; Araucária; Faixa de pedestres; Trilhos do trem; Linguística

Fonte: as autoras, baseado na pesquisa aplicada

Com relação aos espaços frequentados que ainda estão presentes na identidade jordanense, verifica-se que alguns usos foram também modificados. A Estação de trem, por exemplo, era utilizada diariamente, sendo o principal meio de transporte do município e era gratuito. Atualmente, o bondinho é mais utilizado pelos turistas, embora faça parte da paisagem do Bairro da Abernóssia, um dos locais mais frequentados pelos moradores, onde está localizado o centro comercial da cidade, que inclusive se desenvolveu em torno da Estrada de Ferro. A Praça do Gazebo, embora citada e apresentada como sendo utilizada para os mesmos fins ao longo do tempo, sofreu diversas reformas, as quais os alunos lamentam a descaracterização do espaço.

Convém ressaltar, que com relação aos espaços frequentados, quando questionados pela primeira vez, somente o Horto Florestal foi citado e após reflexões em sala de aula, os demais foram mencionados. Durante a produção dos materiais para a Mostra e após identificarem como fazendo parte das “velhas” identidades, os alunos incluíram o Mercado Municipal, ponto de encontro e principal local de comércio, que com a chegada dos supermercados é mais frequentado para aquisição de hortifrúteis. Outro dos principais locais frequentados atualmente, nos momentos de lazer, está a Vista Chinesa, também conhecido como Belvedere, onde costumam assistir ao pôr-do-sol e ingerem iguarias de milho e caldo de cana.

No que diz respeito à culinária, o pinhão, o chuchu e a quirera ainda são muito consumidos pelos jordanenses. O chuchu é plantado nos fundos das residências e o pinhão é

<sup>11</sup> Milho quebrado que se dá a aves e pássaros. Também pode ser consumido em receitas culinárias.

encontrado onde tiver uma Araucária macho e uma fêmea, em diversos locais da cidade em área urbana. A quirera é utilizada em receitas diversas pois é propícia a ser consumida em dias frios. Com a pesquisa, verificou-se que os jordanenses são adeptos aos lanches rápidos, pizzarias e consomem salgados diversos, além do açaí que apesar do clima frio, foi citado pelos alunos em mais de um momento. No dia do evento, alguns jordanenses que visitaram a Mostra disseram sentir falta de conteúdos relacionados à produção de pera, framboesa e o figo nas “velhas” identidades, embora o figo tivesse sido apresentado como um aspecto identitário da atualidade. O caldo de cama e o milho verde, citados durante a aplicação dos questionários, foi contemplado na Mostra, junto ao espaço em que costuma ser consumido, mais especificamente no Belvedere.

Com relação às particularidades do jordanense, era de costume que as famílias produzissem malhas em sua casa, porém, com a industrialização das malharias e a importação, poucos ainda realizam esta atividade como fonte de renda. A cidade realizava festivais de viola que incentivavam a sua valorização e preservação por longos anos, sendo muito apreciado pelos mais antigos, que ainda podem apreciar a apresentação de alguns violeiros no Mercado Municipal aos finais de semana. Observa-se no quadro 1 que hoje, as principais particularidades que estão incorporadas na identidade jordanense são aspectos relativos à natureza. Outro aspecto relevante identificado é que pelo fato da cidade não ter semáforo, os pedestres estão acostumados que os carros parem para atravessarem na faixa e a educação para o trânsito, nesse sentido, é surpreendente, como ocorre em países da Europa.

Complementando a Mostra, os alunos elaboraram um painel com as principais expressões linguísticas particulares deles com alguns termos nunca ouvidos pelos visitantes da Mostra que não eram jordanense e foi perceptível a identificação dos jordanenses com as expressões, sendo este elaborado a partir da produção de textos realizada na disciplina de Redação e Comunicação empresarial. As expressões trabalhadas no painel e seus respectivos significados, foram: Canjordão (Campos do Jordão); piruzinho (carrinho de mão); beudo (bêbado); Pior mesmo! (Ah, verdade!!); marvada (malvada); ferpa (farpa); dar um rolê na Berna (ir ao centro, na Abernécia); cachorra (cachorra); Vai muda! (Bem feito!); Porrta, porrrteira, porrrtão (Porta, porteira, portão).

A interação das pessoas durante o evento, sobretudo a dos jordanenses visitantes, foi de fundamental importância para verificar a validade da pesquisa e das características identitárias apresentadas. Poucas considerações foram feitas sobre os espaços frequentados, a culinária e as particularidades locais, mas das que aconteceram, estavam mais relacionadas às “velhas” identidades, cuja pesquisa realizada para levantamento das informações foi de maneira mais informal e, portanto, menos estruturada.

No geral, pode-se destacar que o trabalho resultou no processo reflexivo que as professoras esperavam, pois os alunos, pós-evento, comentaram sobre as descobertas e as valorizações que hoje fazem, mas que antes ignoravam ou consideravam de pouca importância. Entende-se ser este um trabalho longo, sendo que os primeiros passos foram

dados com este projeto, criando-se bases para ações futuras na tentativa de valorizar uma cultura até então dominada pelo turismo.

## 5. Considerações Finais

Discutir sobre identidade e o seu processo formativo implica em considerar a pluralidade, os conflitos e tensões que constituem sua formação. Tal processo torna-se mais árduo em ambientes influenciados pela atividade turística, pois há uma grande valorização dos circuitos turísticos contrapondo-se ao descuido que se tem com o que pertence à população. Este fato é percebido nos discursos dos jordanenses que costumam separar os espaços entre os utilizados pelos turistas e os usufruídos por eles, colocando-se como se não pudessem ter acesso a todos os locais. Este discurso demonstrou-se extremamente arraigado na crença dos jordanenses, sendo que durante todo o período em que trabalhamos com eles, a resistência em enxergar além da propaganda foi intensa, potencializado pelo fato de que muitos queriam que sua identidade pessoal se sobressaísse às estabelecidas pelas relações sociais.

Considerando-se tal contexto, o trabalho foi dividido entre três disciplinas, sendo que cada uma procurou adotar uma abordagem diferente, mas complementar. A disciplina de Redação e Comunicação Empresarial focou-se nos discursos, seguidos de um processo reflexivo e elaboração de um texto pessoal. A de Hospitalidade utilizou-se de textos acadêmicos, complementado por uma pesquisa qualitativa, seguido por um processo também reflexivo. Já a de Gestão Operacional utilizou-se das discussões em sala de aula, complementando com a realização de uma Mostra sobre a identidade do jordanense. Reforça-se que o propósito deste trabalho interdisciplinar foi o de demonstrar que a cidade de Campos do Jordão tem muito a oferecer, dependendo dos cidadãos se apropriarem dos espaços e se tornarem agentes das mudanças e da manutenção destes espaços.

Apesar de todo o trabalho realizado, sabe-se que o processo de identificação da identidade de uma localidade não é algo simples e nem realizável em tão curto espaço de tempo. Porém, acredita-se que iniciamos o processo reflexivo, aspecto que pretendíamos em nossas aulas, permitindo que os alunos desenvolvam um novo olhar sob diversos aspectos da cidade.

## Referências

Amaral, V. (2007). *Psicologia da educação*. Natal, RN: EDUFRN.

Baptista, I. (2008) Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Hospitalidade*. Ano V, n.2, dez.

Barreira, I.A.F. (2003). A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 5, n.9, jan-jun, p. 314-339.

Barretto, M. (2004). Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. *Turismo em Análise*. V.15, n.2, p.133-149, nov. 2004.

- Batista, C.M. (2005). Memória e identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. *Caderno virtual do Turismo*. V.5, n.3.
- Bundt, R.L.C. (2006). Indústria e identidade cultural gaúcha. *Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*. São Bernardo do Campo, 9-11 out. Universidade Metodista de São Paulo.
- Duarte, R.F.; Barbosa, A.S.; Bruna, G.C. (2007). O turismo e a transformação de cidades: o caso de Campos do Jordão. *Ae Ensaios*. V. II, nº 01, fev. 07, p.1-26.
- Carvalho, C.P.F. (2011). A diferença como possibilidade de identidade cultural na pós-modernidade. *Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura*. 24-26mai. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Erikson, E. H. (1987). *Infância e Sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Ferreira, T.S. ; Farias, M. A. ; Silves, E. F. M. (2003). A Construção da Identidade em Adolescentes: Um Estudo Exploratório. *Estudos de Psicologia* (Natal), Rio Grande do Norte, v. 8, n.1, p. 107-115.
- Hall, S. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hammerl, P.C. (2011). Campos do Jordão (SP): de estância de saúde à estância turística. *XXVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH. Jul.
- Ribeiro, D.I.; Sá, M.A.A.S. A atenção ao elitismo em Campos do Jordão. *XV Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. Universidade do Vale do Paraíba.
- Rocha, A.F.; Silva, L.M. (2010). Educação profissional e identidade cultural. *VII Simpósio sobre formação de professores*. UNISUL – Universidade Sul de Santa Catarina.
- Rosa Filho, A.; Cortez, A.T.C. (2010). A problemática socioambiental da ocupação urbana em áreas de risco de deslizamento da “Suiça Brasileira”. *Revista Brasileira de Geografia Física*. Ano 3, 2010, p. 33-40.